

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE: OS SABERES TRADICIONAIS E OS CIENTÍFICOS

Cleyton César Souto Silva(1); Raphael Paschoal Serquiz (2); Soraya Maria de Medeiros (4)

1. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ccsoutosilva@gmail.com
2. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. raphaserquiz@hotmail.com.br
3. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sorayamaria_ufrn@hotmail.com

INTRODUÇÃO:

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) surgem em um contexto favorável de ampliação do olhar e interesse pela compreensão dos adoecimentos, onde os profissionais de saúde buscam novas formas de prevenção e tratamento que enriqueçam sua formação e seu potencial de cuidado em oposição a lógica biomédica, desumanizada nas relações com pacientes e abusiva no uso de tecnologias duras com efeitos iatrogênicos (SANTOS; TESSER, 2012).

Sendo entendidas como métodos que não fazem parte das práticas convencionais biologicistas, as PICS são utilizadas para promover saúde e bem-estar, prevenir e tratar doenças. Sua crescente importância vem sendo compreendida como um “espaço de disputas de sujeitos e coletivos que integram políticas, serviços e práticas de cuidado-cura” dos quais reposiciona o paciente como centro e elemento fundamental de uma terapia menos dependente de tecnologia científica cara, porém eficazes e que acentuam a autonomia e autocuidado (BARROS; TOVEY, 2007, p. 207; SANTOS; TESSER, 2012).

O cuidado com a saúde individual é uma tradição comum das culturas. Almeida (2010) nos convida a refletir sobre o saber tradicional e o científico, onde este é apenas uma maneira de explicar o mundo coexistindo com outras formas de conhecimento e saberes que muitas vezes se apagam pelo tempo, pela falta de reconhecimento e oportunidade de expressar-se.

A distinção entre a ciência e o saber tradicional traz consigo um desprezo e desqualificação de outras verdades que não o científico. Uma subvalorização denunciada

por Tesser (2009) que foi espalhada mundialmente pela globalização da supremacia científica e monopólio da ciência na saúde. Entretanto, a consolidação das ciências modernas e sua hegemonia advém em parte da redução, assimilação e negação e incomunicabilidade com outras formas de saberes e representações (ALMEIDA, 2010).

Deve-se haver uma religação desses saberes dispersos e a superação de dicotomias entre saber científico e aqueles advindos da tradição numa perspectiva transversal e polivalente (MORIN, 2000a). Dessa forma questiona-se: como compreender as PICS como terapias que podem complementar diversas outras racionalidades do modelo biomédico, prevenindo agravos, tratando ou reabilitando à saúde, favorecendo o diálogo e a conciliação entre o saber científico e o tradicional?

Considerando estas afirmações, este artigo, apoiando-se no aporte teórico da complexidade e da ecologia de saberes, tem como objetivo discutir as práticas integrativas e complementares em saúde e a necessidade de integração entre os saberes científicos (biomédicos) e os saberes tradicionais para sua efetiva implementação.

METODOLOGIA

Estudo reflexivo segundo referencial teórico de M. C. Almeida (2010) e E. Morin (2000). acerca dos saberes tradicionais versus saberes científicos, bem como as PICS como uma ecologia de saberes complexos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Saber tradicional versus saber científico

A tradição muitas vezes é relacionada como algo conservador, paralisado, oposto a modernidade. Essa é uma visão que desconsidera o poder que esses saberes possuem em religar o passado com o presente completando-se com o saber científico, e que não deve representar um retrocesso, nem muito menos uma estagnação cognitiva. Segundo Kuhn (1975), grande parte das descobertas científicas tiveram como base a experiência cotidiana e quando se exclui essa sabedoria advinda da cultural singular dos sujeitos, cai-se na chamada monocultura da mente que é o que ocorre com a ciência ocidental.

É nesta ideia que consiste a reflexão de Almeida (2010) quando discuti o motivo pelo qual a ciência em seu saber se torna hegemônica e pensa ser superior a todos os outros saberes quando privilegia a razão, objetividade, verdade e as interpretações universais. Essa concepção só favorece e suporta uma sociedade desigual, dividida em classes, conservadora e petrificada pela tecnociência. Dessa forma, os conhecimentos científicos são como os produtos finais prontos para o consumo e os tradicionais apenas integrantes de uma rede informal de conhecimento bruto.

Somos então educados formalmente nessa cultura científica de linguagem única: como a única maneira de explicar e compreender os fenômenos do mundo e os processos sociais. Deve-se levar em conta que a ciência é relativamente jovem, nascida e distanciada de outros saberes tradicionais de milênios atrás, sendo consagrada em seus primórdios pela experiência astrofísica de Copérnico e Galileu, a biologia de Darwin e a psicanálise de Freud que inauguraram as novas bases de organização do conhecimento.

Almeida (2010) conclama a urgência inadiável de se promover o encontro entre cultura científica e saberes da tradição. Seu pensamento revela que mesmo sendo estratégias distintas, mesmo que a compreensão de um mesmo fenômeno seja de forma diferente, é preciso dialogar e procurar os campos circunvizinhos a esses modos de conhecimento. Reconhece-se mundialmente a concepção de que a ciência se caracteriza pela observação e experimentação e a filosofia pela reflexão e especulação, mas é preciso fazer dialogar com essas duas estratégias cognitivas, reduzindo o distanciamento dos saberes científicos da experiência da tradição, executando a escuta de outras linguagens que não se reduzem a palavras e números.

No decorrer da história, as populações rurais e tradicionais desenvolveram saberes diversos que lhes permitiram responder a problemas de ordem material e utilitária construindo o seu corpus de compreensão simbólica e mítica dos fenômenos do mundo. Há pessoas que dispõem de sabedoria para curar pelas plantas, assistir em partos, tratar recém-nascidos numa ecologia de ideias que auxiliam numerosas populações em seus territórios e garante a legitimidade social em suas necessidades sanitárias. Já a visão biologicista, oficializada pelo relatório Flexner em 1990, promove um ideário de fazer medicina com base tecnicista, excluindo as práticas e os saberes tradicionais, como se fossem seitas médicas (ANDRADE; COSTA, 2010; AZEVEDO; PELICIONI, 2012).

Apesar de se valerem dos mesmos atributos cognitivos, essas duas formas de conhecimento constituem-se: em uma lógica mais sensível e outra mais distante. As PICS, das antigas às mais recentes, dedicam-se ao cuidado com a saúde dos indivíduos, experienciando o processo de adoecimento-cuidado-cura quanto ao potencial de reequilíbrio e cura do próprio paciente, com uma relação de maior solidariedade e proximidade entre curador e doente, maior satisfação com a abordagem filosófica e de significação proporcionando convergência entre os valores e crenças das sociedades (TESSER, 2009).

Em seus estudos, Tesser (2009) discute que os praticantes da sabedoria tradicional e executores de práticas integrativas e complementares vivenciam experiências que possibilitam o desenvolvimento de uma sabedoria prática, ética e solidária, com ação dialogal, emancipadora e promotora de saúde, coisa que a biomedicina reduz com suas técnicas aos pedaços e procedimentos terapêuticos isolados. Essa é uma lógica de guerra que deve ser substituída por uma atitude mais democrática com espírito de complementaridade entre os distintos saberes.

PICS: Uma ecologia de saberes complexos

A ecologia de saberes favorece a troca múltipla de interações, culturas, opiniões, teorias e interpretações, promovendo a conciliação e o diálogo entre os saberes científicos e tradicionais seja nas experiências de observação dos fenômenos, seja na discussão de conceitos. Para Morin (2000b), é preciso aceitar que os saberes da tradição possuem um conhecimento pertinente e que este, quando inserido num contexto, pode revelar uma ciência aberta, direcionada a uma democracia cognitiva para uma sociedade menos desigual. O pensamento complexo amplia horizontes muito além de uma mera aproximação tecnicista de uma ciência que simplifica, reduz, hiperespecializa e fragmenta o conhecimento.

O entendimento da complexidade parte da premissa da conciliação e não redução, fazer os saberes completarem-se entre si, e não se dividirem em subespecialidades como vem ocorrendo com a ciência biomédica. O método complexo desenvolvido por E. Morin permite que haja a interseção entre os vários domínios que constituem um fenômeno, dialogando saberes sobre mundo físico, a vida e o homem, e religando cultura científica e tradicional (ALMEIDA, 2010).

Dentro deste contexto, as PICS integram técnicas promotoras de saúde com saberes terapêuticos com potenciais de cura pelo uso de concepções como a de “princípio vital” (homeopatia), energia vital (*chi*, dos chineses; *prana*, dos indianos), que interligam a pessoa interna e externamente, e de técnicas a elas relacionadas. Mesmo parecendo incompreensíveis tais noções para a biomedicina, é de suma importância reconhecer os saberes e conhecimentos dessas outras racionalidades médicas, construídos tradicionalmente por aprendizado disciplinado e organizado para compreensão, percepção, treino e uso dessa energia como matéria prima da saúde (TESSER, 2009).

Otani; Barros (2008) contribuem com o tema refletindo sobre o fato de que o fato de uma terapia ser alternativo ou complementar para uns, pode ser a principal prática para outros. Dessa forma, o que pode ser definido como tradicional varia de país para país, como também muda segundo o contexto e a história, como é o caso das medicinas chinesa e ayurvédica.

Há uma grande dificuldade em se visualizar toda a complexidade das PICS num contexto de ecologia entre conhecimentos científicos e tradicionais, pois, juntamente com um processo de mercantilização e globalização de saberes e práticas, estas vêm sendo fragmentadas em técnicas isoladas e alternativas menosprezados por questões econômicas e políticas que supervalorizam os procedimentos heteronômicos e descontextualizados (TESSER, 2009).

Na área da saúde a visão que prevalece ainda é a biológica cujo setor saúde convive com a hegemonia do médico sobre os outros profissionais, o predomínio dos avanços tecnológicos e o fortalecimento da atenção curativista. Entretanto, dentro do contexto do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Atenção Primária em Saúde (APS), surge um tímido processo de mudança com inserção das PICS e outros saberes tradicionais, através de uma política nacional, percebido como crítica às bases dos saberes científicos hegemônicos e como uma proposta de ampliação do cuidado, da prevenção e da promoção à Saúde. (AZEVEDO; PELICIONI, 2012).

CONCLUSÕES

A conciliação entre os saberes científicos e os tradicionais, através das PICS, converge para uma postura mais abrangente da saúde, doença e terapêutica que

ultrapassam o modelo biomédico centrado no aspecto tecnomecanicista da ciência. A complexidade da saúde envolve fatores sociais, culturais, éticos e emocionais do ser humano, exigindo abordagens com conhecimentos multidimensionais e ecológicos. Nesse contexto, a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, possibilita uma melhor inserção de uma conciliação entre o saber científico biomédico e outras saberes tradicionais, em diferentes campos da saúde, ampliando a oferta e o acesso a essas práticas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. T.; COSTA, L. F. A. Medicina Complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da antropologia médica. *Saúde Soc*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 497-508, 2010.
- ALMEIDA, M. C. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F. Práticas integrativas e complementares de desafios para a educação. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9 n. 3, p. 361-378, 2012
- BARROS, N. F.; TOVEY, P. O ensino das terapias alternativas e complementares em escolas de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Rio Grande do Sul, v. 28, n. 2, p. 207-214, 2007.
- KUHN, T. S. (1975). *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. sob direção de Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MORIN, E. (1921). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. sob direção de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.
- MORIN, E. (1921). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. Trad. sob direção de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000b. (Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho).
- OTANI, M. A. P.; BARROS, N. F. A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1801-1811, 2011.
- SANTOS, M. C.; TESSER, C. D. Um método para a implantação e promoção de acesso às Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 11, p. 3011-3024, 2012.
- TESSER, C. D. Práticas complementares, racionalidades médicas e promoção da saúde: contribuições pouco exploradas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 1732-1742, 2009.

Introdução: O trabalho discute, sobre o aporte teórico da complexidade e da ecologia de saberes, as práticas integrativas e complementares em saúde e a necessidade de integração entre os saberes científicos (biomédicos) e os saberes tradicionais para sua efetiva implementação. Objetivo: discutir as práticas integrativas e complementares em saúde e a necessidade de integração entre os saberes científicos (biomédicos) e os saberes tradicionais para sua efetiva implementação. Metodologia: Estudo reflexivo segundo referencial teórico de M. C. Almeida (2010) e E. Morin (2000). acerca dos saberes tradicionais versus saberes científicos, bem como as PICS como uma ecologia de saberes complexos. Resultado e discussão: A reflexão gira em torno da subvalorização do conhecimento tradicional que foi espalhada mundialmente pela globalização da supremacia científica e monopólio da ciência na saúde. Há uma urgência inadiável de se promover o encontro entre cultura científica e saberes da tradição. Acentua-se a discussão favorecendo-se o pensamento complexo e a ecologia de saberes como a troca múltipla de interações, culturas, opiniões, teorias e interpretações e aceitando que os saberes da tradição possuem um conhecimento pertinente e que este, quando inserido num contexto, pode revelar uma ciência aberta, direcionada a uma democracia cognitiva para uma sociedade menos desigual. Conclusão: A conciliação entre os saberes científicos e os tradicionais, através das PICS, converge para uma postura mais abrangente da saúde, doença e terapêutica que ultrapassam o modelo biomédico centrado no aspecto tecnomecanicista da ciência.

Palavras chaves: Práticas Integrativas e Complementares; Ecologia de Saberes; Saberes Tradicionais